



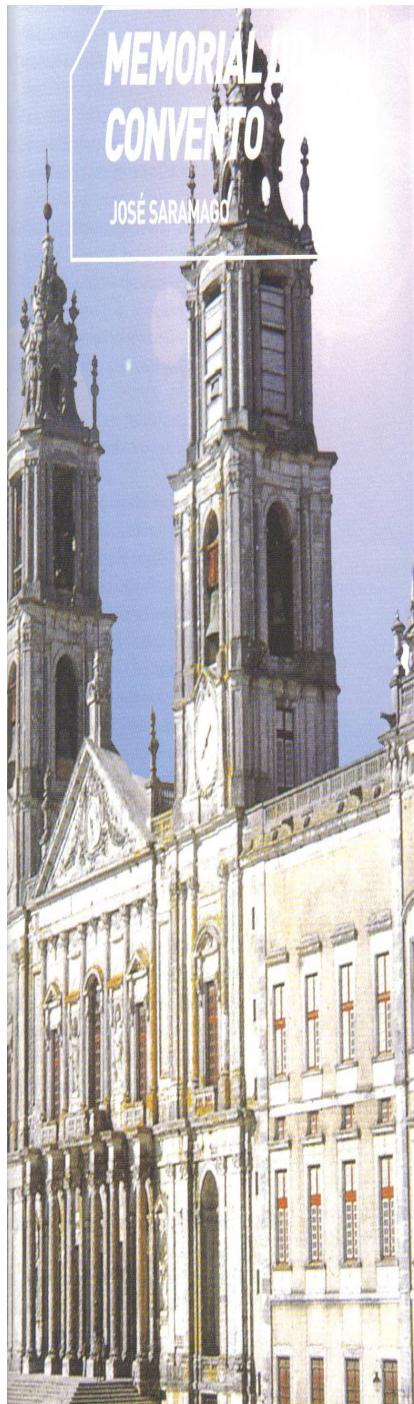
ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO DE LOUSADA

Prova Escrita de Português

12º Ano

GRUPO I

Leia atentamente o texto e responda depois às questões.



[...] Ao outro dia, depois de el-rei partir para a corte, deitou-se abaixo a igreja sem ajuda do vento, apenas chovia água que Deus a dava, puseram-se a um lado as tábuas e os mastros para necessidades menos reais, andaimes, por exemplo, ou tarimas, ou beliches, ou mesa de comer, ou rastos de tamancos, e os panos, tafetás ou damascos, as velas dos navios, cada um tornou ao seu natural, as pratas para o tesouro, os fidalgos para a fidalguice, o órgão para outras soflas, e os cantores, os soldados a luzir semelhantes paradas, só ficaram os arrábidos de olho alerta, e sobre a pedra cavada, cinco metros de pau crucificado, a cruz. Para os caboucos alagados tornaram a descer os homens porque nem em todos os lugares se alcançara a fundura requerida, sua majestade não viu tudo, e apenas disse, por outras palavras, quando entrava no coche que o levaria, Agora despachem-se com isto, há mais de seis anos que fiz o voto, não estou para andar com os franciscanos à perna todo o tempo, então o nosso convento, por causa do dinheiro não sejam os atrasos, gasta-se o que for preciso. Mas em Lisboa dirá o guarda-livros a el-rei, Saiba vossa real majestade que na inauguração do convento de Mafra se gastaram, números redondos, duzentos mil cruzados, e el-rei respondeu, Põe na conta, disse-o porque ainda estamos no princípio da obra, um dia virá em que queremos saber, Afinal, quanto terá custado aquilo, e ninguém dará satisfação dos dinheiros gastos, nem facturas, nem recibos, nem boletins de registo de importação, sem falar de mortes e sacrifícios, que esses são baratos.

Quando o templo levantou, passada uma semana, partiram Baltasar Sete-Sóis e Blimunda Sete-Luas para Lisboa, na vida tem cada um sua fábrica, estes ficam aqui a levantar paredes, nós vamos a tecer vimes, arames e ferros, e também a recolher vontades, para que com tudo junto nos levantemos, que os homens são anjos nascidos sem asas, é o que há de mais bonito, nascer sem asas e fazê-las crescer, isso mesmo fizemos com o cérebro, se a ele fizemos, a elas faremos, adeus minha mãe, adeus meu pai. Apenas disseram adeus, nada mais, que nem uns sabem compor frases, nem os outros entendê-las, mas, passando tempo, sempre se encontrará alguém para imaginar que estas coisas poderiam ter sido ditas, ou fingi-las, e, fingindo, passam então as histórias a ser mais verdadeiras que os casos verdadeiros que elas contam, ainda que já seja difícil pôr palavras diferentes no lugar destas, que é quando Marta Maria diz, Adeus, que não os torno a ver, e isto sim, vai ser verdade estreme, ainda as paredes da basílica não terão um metro acima do chão e já Marta Maria estará enterrada. [...]

1. Identifique as linhas de acção da obra para que este excerto nos remete, distinguindo os factos e os personagens históricos e ficcionados.
2. Resuma o acontecimento que suscitou a presença do rei.
3. Identifique as personagens presentes neste excerto e explique as funções delas.

GRUPO II

Memorial do Convento coloca-nos o problema de classificação tipológica. Aqui temos marcas do romance histórico, social, de intervenção e de espaço.

Num texto expositivo-argumentativo, bem estruturado, de 100 a 200 palavras, dê a sua opinião relativamente à afirmação acima transcrita.



ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO DE LOUSADA

Sugestão de resolução da Prova Escrita de Português

GRUPO I

O excerto apresentado remete para as duas acções presentes no romance *Memorial do Convento*. A primeira, de carácter mais histórico, corresponde ao primeiro parágrafo; a segunda, de cariz mais ficcional, ao segundo parágrafo.

Assim sendo, a primeira liga-se à concretização do sonho de D. João V – a construção do convento de Mafra; a segunda remete para a realização do sonho do padre Bartolomeu – a construção da passarola, onde desfilam personagens ficcionais, como Baltasar e Blimunda.

O acontecimento que originou a presença do rei foi o lançamento da primeira pedra para a construção do Convento de Mafra. D. João V deslocou-se ao local onde decorriam as obras, empreendidas por homens do povo, para averiguar o seu andamento.

O texto faz referência a várias personagens, sendo de destacar as que maior relevo possuem, num romance onde o autor se preocupou essencialmente em mostrar as péssimas condições em que vivia a classe popular, em oposição aos privilégios da corte.

Na primeira acção apresentada, destaca-se a superioridade de el-rei D. João V, poderoso e rico, contrapondo-se às grandes dificuldades vividas pelos homens empreendedores da realização do sonho do rei.

Na segunda, salientam-se as personagens Baltasar Sete-Sóis e Blimunda Sete-Luas, elementos do povo, que desempenham um papel fundamental na construção da passarola. Blimunda, com o seu poder de "visionária", recolhe as "vontades" necessárias para que a passarola voe.

GRUPO II

Várias são as tentativas para classificar este romance saramaguiano. Uns ficam-se pelo seu carácter histórico, visto que são relatados ambientes e factos respeitantes à História. Todavia, o retrato histórico não teria sido indubitablemente a principal intenção do autor.

Julga-se que José Saramago se preocupou fundamentalmente em questionar a realidade social da época histórica retratada, pelo que não se fixa obcecadamente a ela. Desde sempre que se verificam injustiças, desigualdades sociais, até mesmo aquando da construção do Convento de Mafra. Considera-se ser este o aspecto que maior relevo lhe conferiu o autor: apresentar dicotomicamente a classe dos privilegiados e a dos desprivilegiados. Deste modo, o *Memorial do Convento* é não só romance histórico como também romance social, por fazer uma crónica dos costumes da época, assim como também um romance de intervenção, ao presentificar as repressões, os sonhos, os desejos e comportamentos das personagens – vítimas que mais merecem ser heróis.

A designação de romance de espaço prende-se com a reconstituição de quadros que caracterizam o ambiente histórico em espaços fulcrais ao desenvolvimento da narrativa: a Corte, Mafra, Lisboa.

Em jeito de conclusão, poder-se-á acrescentar que Saramago partiu da História para tratar temas e situações intemporais, criando até para isso personagens ficcionais, repletas de densidade psicológica. E esta ficção aliada à narração de factos reais conduz, sem dúvida, ao problema da classificação do romance, como refere a afirmação dada.